

INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS SURDAS NA IGREJA

INCLUSION AND PERMANENCE OF DEAF PEOPLE IN THE CHURCH

Sátilla Souza Ribeiro¹

RESUMO: Esta pesquisa traz como objeto de investigação as percepções de pessoas surdas oralizadas e pessoas surdas que se comunicam em Língua Brasileira de Sinais (Libras) acerca da inclusão e permanência na Igreja. A escolha metodológica, de natureza qualitativa, define o caminho do estudo de caso com uso de entrevista semiestruturada como instrumento de investigação. Dentre os autores que subsidiaram essa discussão, destacam-se: Ribeiro (2017, 2021); Brasil (2002, 2005); Rodrigues (2023); dentre outros autores que abordam acerca da relevância da inclusão e permanência de pessoas surdas. Os resultados dessa pesquisa demonstraram que, segundo as percepções dos participantes surdos, é utilizado na Igreja estratégias metodológicas como potencializadoras no processo de inclusão e permanência, favorecendo o envolvimento e participação das pessoas surdas nesse ambiente religioso, a saber: uso de imagens e textos escritos nas programações litúrgicas; curso de Libras para os membros da Igreja

¹ Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
E-mail: satila@ufrb.edu.br.

e pessoas do Bairro; minuto Libras aos domingos; placas de sinalização nos ambientes da Igreja em Libras e braile; materiais acessíveis em Libras para o ensino da Bíblia; Libras para crianças, dentre outras metodologias. Tais ações foram reconhecidos pelos surdos participantes da pesquisa como favorecedores do processo de inclusão e permanência.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Permanência, Surdo, Igreja.

ABSTRACT: This research investigates the perceptions of oral deaf people and deaf people who communicate in Brazilian Sign Language (Libras) about inclusion and permanence in the Church. The methodological choice, of a qualitative nature, defines the path of the case study with the use of semi-structured interviews as a research tool. The authors who supported this discussion include: Ribeiro (2017, 2021); Brasil (2002, 2005); Rodrigues (2023); among other authors who address the relevance of the inclusion and permanence of deaf people. The results of this research showed that, according to the perceptions of the deaf participants, the church uses methodological strategies that enhance the process of inclusion and permanence, favoring the involvement and participation of deaf people in this religious environment, namely: the use of images and written texts in liturgical programs; a Libras course for church members and people from the neighborhood; a Libras minute on Sundays; signposts in church environments in Libras and Braille; accessible materials in Libras for teaching the Bible; Libras for children, among other methodologies.

These actions were recognized by the deaf participants in the survey as favoring the process of inclusion and permanence.

KEYWORDS: Inclusion. Permanence, Deaf, Church.

1. INTRODUÇÃO

Este texto nasce da convivência entre pessoas surdas que se comunicam em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e pessoas com deficiência auditiva que se comunicam em Língua Portuguesa Oral ocupadas em refletir acerca da inclusão e permanência na Igreja.

É notório que o acesso de pessoas surdas às Igrejas está garantido em documentos legais como, a Lei da Libras 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005, porém, a sua permanência também precisa ser efetivada. Para tanto, é necessário estratégias metodológicas inclusivas por parte dos líderes, membros e congregados que atuam junto a essas pessoas.

Torna-se necessário justificar a relevância deste estudo devido ao aumento da população surda no Brasil. Segundo Rodrigues (2023), o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), no Brasil, estima-se que existam mais de dez milhões de pessoas com algum tipo de deficiência auditiva, sendo que 2,7 milhões com perda de audição profunda, destas, menos de 1% é evangelizada pela Palavra de Deus, segundo dado da Junta de Missões Nacionais (JMN). A JMN é uma agência missionária da Convenção Batista Brasileira que tem por missão multiplicar discípulos de Jesus, dentre estes, pessoas surdas e/ou ouvintes, conforme a imagem 1.

Imagem 1: Surdos da JMN em Ação Evangelística.



Fonte: Guia-me. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/os-surdos-sao-o-segmento-menos-evangelizado-em-nosso-pais-alerta-missionaria.html>>. Acesso em: 10 de out. de 2024.

Esse dado acima, por si só, justifica a realização de pesquisas voltadas para a inclusão e permanência de pessoas surdas nos diferentes setores da sociedade. Dessa forma, esta pesquisa buscou analisar as percepções dos membros surdos e membros com deficiência auditiva acerca das estratégias metodológicas, programações de cultos e como tais estratégias influenciam no processo de inclusão e permanência nas Igrejas. Santos (2024) destaca que, ser membro de uma Igreja se constitui em pertencer a uma comunidade cristã, em outras palavras, fazer parte de um Corpo vivo de Cristo.

A questão norteadora desta investigação busca compreender como as pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva percebem as metodologias e ações desenvolvidas no processo de inclusão e permanência na Igreja em que elas frequentam? Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo geral: analisar as percepções de pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva acerca das metodologias desenvolvidas no processo de inclusão e a condição de permanência na Igreja.

Em seu desenvolvimento, este artigo encontra-se dividido em quatro outras seções as quais serão discutidos o percurso metodológico e as seguintes temáticas: a inclusão da pessoa surda e da pessoa com deficiência auditiva na Igreja; a Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Igreja e o Intérprete de Libras; estratégias metodológicas direcionadas as pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva; A permanência na Igreja; e, por fim, traz os resultados e discussões.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O método utilizado nesta pesquisa é empírico, do tipo estudo de caso que se pauta na investigação de um contexto específico e delimitado, para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. A pesquisa quanto à abordagem se apresenta como qualitativa, quanto aos seus objetivos é de natureza descritiva e quanto à tipologia de pesquisa se apresenta como estudo de caso.

Esta pesquisa fará o recorte investigativo de 2 (duas) pessoas surdas que se comunicam em Libras e 2 (duas) pessoas com deficiência auditiva que se comunicam em Língua Portuguesa Oral. Assim, com vistas a atender as normativas da ética na pesquisa com seres humanos, que envolvem a dignidade e anonimato dos sujeitos participantes, a presente pesquisa foi realizada após a autorização da Igreja *in loco*, conforme termo de autorização e dos participantes da presente pesquisa, por meio da carta-convite.

Nessa perspectiva, a inclusão de pessoas surdas na Igreja, requer muito além de mudanças comportamentais ou culturais, mas também o conhecimento de concepções, estruturas relacionais e referenciais culturais entre diferentes sujeitos, bem como as formas de comunicação.

3. A INCLUSÃO DA PESSOA SURDA E PESSOA COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA IGREJA

A inclusão da pessoa surda e pessoa com deficiência auditiva na Igreja ainda se constitui num desafio significativo. Miranda e Galvão Filho (2012) destacam que a inclusão de pessoas surdas,

Para além da atenção e do atendimento às suas necessidades individuais, implica o desenvolvimento de linguagens, discursos, práticas e contextos relacionais que potencializem a manifestação polifônica e o reconhecimento polissêmico, crítico e criativo entre todos os integrantes do processo educativo (Miranda e Galvão Filho, 2012, p. 12).

De acordo com o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Art. 2º: [...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Por sua vez, considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (Brasil, 2005).

Bisol e Valentini (2021) destacam que, diferentemente das pessoas surdas, as pessoas com deficiência auditiva têm uma identidade muito mais relacionada a representação do ouvinte. Geralmente essas pessoas foram perdendo a audição com o tempo e não se comunicam em Libras. Muitas delas se comunicam em língua portuguesa oral, fazendo o uso da leitura labial e dependendo de outros recursos assistivos, como as legendas.

A partir da discussão feita até este momento, entende-se que cada surdo passa por um processo distinto no que se refere

a interação social, pois alguns utilizam a língua de sinais, outros oralizam, outros possuem o implante coclear. O implante coclear é um aparelho eletrônico que, por meio cirúrgico, é colocado dentro do ouvido que capta o som, capaz de estimular diretamente o nervo auditivo, causando sensações sonoras, com a função de restaurar a audição nas pessoas com surdez profunda que não têm benefício com aparelhos auditivos convencionais (Franco, 2014).

Considerando-se a relevância da inclusão da pessoa surda e pessoa com deficiência auditiva nas Igrejas, se faz necessário abordar um pouco mais sobre a presença da Libras e do profissional intérprete nesse ambiente de ensino, haja vista, as atitudes e posturas também comunicam. Incluir as pessoas surdas no mesmo espaço das pessoas ouvintes é uma atitude comunicativa exitosa e a acessibilidade linguística para pessoas surdas possibilita não somente a inclusão, mas a permanência.

3.1 A Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Igreja e o intérprete de Libras

A Libras chegou ao Brasil em 1857 junto a fundação da primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto de “Surdos-Mudos”, que atualmente é o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Se originou da mistura entre a Língua de Sinais Francesa e o vocabulário já utilizado pelos surdos em várias regiões do país (Ribeiro, 2017).

A Libras é, portanto, uma língua de sinais oriunda da comunidade surda do Brasil, isto é, um grupo de pessoas surdas sinalizantes (surdos que se comunicam em Libras), ouvintes, familiares de surdos, intérpretes, aprendizes de Libras, professores, amigos, dentre outros que compartilham interesses e objetivos em comuns em um determinado local que podem ser as escolas, universidades, associações de surdos, igrejas, etc.

Por isso, a Libras deve estar entre a Igreja que trabalha com os surdos. Como oferecer a Libras? Por meio de curso de Libras e também do Intérprete de Libras. O tradutor intérprete de Libras/português é o profissional responsável pela mediação comunicativa entre surdos e ouvintes, a partir de determinados lugares sócio-históricos e de línguas de modalidades linguísticas diferentes (Nascimento, 2017).

Com isso, alguns ajustes são indispensáveis, a exemplos do intérprete se posicionar o mais próximo possível do surdo, não ocultando, se possível, o palestrante/ pregador/cantor, isto é, o que fala. Receber o surdo sinalizante em sua língua é compartilhar com ele o espaço e o respeito.

O que uma Igreja de ouvintes pode fazer diante das pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva é respeitá-los e acolhê-los em suas necessidades, colocando-se no lugar deles, avaliar o que gostariam que fosse feito. Tal atitude, ganha sentido e valor diante do mandamento: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* (Lv. 19.18-ARA).

Compartilhar o espaço com os surdos na Igreja, não é somente permitir que o surdo se sente ao lado do ouvinte, mas que ele entenda o que ali esteja acontecendo, a saber: leitura da Bíblia, um cântico do cantor cristão, uma oração ao fechar os olhos, ao participar da Santa Ceia, dentre outros momentos litúrgicos.

Na seção a seguir, são destacadas as estratégias metodológicas que podem potencializar a permanência das pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva na Igreja.

3.2 Estratégias metodológicas direcionadas as pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva

Ao se iniciar essa discussão é importante apresentar o conceito de estratégia metodológica assumido neste trabalho destacada por Ribeiro (2021) como recursos didáticos,

materiais relacionais e ferramentas tecnológicas que orientam as pessoas nas mais diversas formas dialógicas, conhecendo as interligações demandadas pela área cognitiva afetiva, possibilitando o desenvolvimento das competências essenciais em cada momento compartilhado e conteúdo ministrado no contexto de Igreja.

Se tratando do “ide” de Jesus que se encontra em Mt. 28:19 apresentada aos seus discípulos e, conseqüentemente, se estende a toda Igreja até os dias de hoje, atividades na Igreja, a exemplos de, evangelismo em Libras para surdos sinalizantes, interpretação de consulta médica, jurídica, entrevista de emprego, visitação aos lares, discipulado, escola bíblica dominical, além da interpretação orofacial para pessoas com deficiência auditiva (DV) que se comunicam em Língua Portuguesa Oral: consiste na interpretação visual da comunicação da pessoa com DV através da decodificação dos movimentos dos lábios e das expressões fornecidas pela contração dos músculos da face. Todas essas e outras ações se constituem em metodologias direcionadas às pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva.

Buscando refletir a respeito da permanência dessas pessoas, a temática é amparada pela teoria do sociólogo francês, Coulon (2008), por apresentar o termo “permanência”, como *afiliação*, resultado do processo de tornar-se membro de um novo grupo.

3.3 A permanência na igreja

A permanência da pessoa com deficiência auditiva e pessoa surda sinalizante no contexto de Igreja continua sendo um desafio a ser vencido, principalmente, na comunicação entre os demais membros. De acordo com Coulon (2008), a permanência requer *afiliação*, sendo, pois, o resultado do processo de tornar-se partícipe de um novo grupo com autonomia, assimilando suas funções e desenvolvendo habilidades antes desconhecidas.

Nesse contexto, entende-se que para construção dessa afiliação as estratégias metodológicas tornam-se essenciais como pressupostos para a permanência, criando, assim, possibilidades para que essas pessoas em comento estejam envolvidas no processo de aprender a Palavra de Deus e serem edificadas. Seguem algumas estratégias metodológicas para a permanência de pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva nas Igrejas, tais como:

- Reconhecer a existência de duas realidades distintas: a existência de surdos sinalizantes e surdos usuários da Língua Portuguesa, oralizados, e que, em vários casos, realizam a leitura labial. Saber que essas duas realidades necessitam de posturas bem diferentes, para favorecer o seu aprendizado e comunicação.
- Utilizar à escrita ou recursos visuais para favorecer a apropriação do conteúdo abordado verbalmente.
- Favorecer um ambiente de igreja sem muito ruído, principalmente, em caso de pessoa com deficiência auditiva que utiliza prótese auditiva ou Implante Coclear.
- Organizar o templo e as classes da igreja de modo que a pessoas com deficiência auditiva possam visualizar os movimentos orofaciais dos seus professores, líderes e demais membros, para realizar a leitura labial.
- Compreender e assegurar o papel do intérprete de Libras em todas as programações.
- Utilizar o closed caption/legenda oculta/janela de Libras quando o ensino demandar filmes ou documentários, bem como o uso de imagens na pregação e estudo bíblico.

- O (a) professor(a) deve evitar falar enquanto escreve na lousa.
- Oferecer o “Minuto Libras” em todos os cultos para que haja o aprendizado efetivo da Libras por todos os membros.
- Verificar a posição do microfone para não cobrir os lábios.
- Canções/ sermões/programações entregues com antecedência aos intérpretes de Libras.
- Participação de pessoas surdas e pessoas com DA nas programações da Igreja, a saber: ofertório, santa ceia, oração, dentre outras.
- Olhe no rosto de quem oraliza, fale pausadamente, use poucas palavras de cada vez, espere a sua vez de falar e só comece a falar quando tiver certeza de que o outro terminou o que tinha a dizer.

Observa-se que todos esses instrumentos apresentados podem ser entendidos como condições que possibilitam a inclusão e permanência dos surdos nas Igrejas.

No próximo capítulo será abordada a análise e reflexão dos dados, considerando-se os objetivos propostos na presente pesquisa. Será utilizado para a análise das entrevistas, a análise de conteúdo de Bardin (2014), definida como um conjunto de métodos de análise das comunicações, a partir de relatos dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para discussão dos dados, foram levantadas, a partir das narrativas dos participantes da pesquisa as seguintes categorias de análise: 1. Contexto histórico da pessoa surda e pessoa

com deficiência auditiva; 2. Desafios no acesso a Igreja e estratégias de comunicação; 3. Participação das pessoas surdas nas programações da Igreja; 4. Dicas de convivência para a inclusão e permanência na Igreja. Essas categorias passam a ser analisadas na sequência deste estudo, as quais serão utilizadas as siglas PS1, para pessoa surda 1, PS2, para pessoa surda 2, e assim por diante, para se referir aos 4 (quatro) participantes entrevistados.

Dos quatro participantes entrevistados, dois são homens e duas são mulheres. A faixa etária varia entre 29 e 75 anos.

4.1 Contexto histórico da pessoa surda e pessoa com deficiência auditiva

Na análise às respostas dos entrevistados, buscou-se traçar o contexto familiar de cada participante, percebendo como e quando adquiriu a surdez e como a família se comunica com eles. Nesta direção, apresentam-se nos parágrafos a seguir, os resultados e os respectivos dados registrados.

A PS1 relatou que adquiriu a surdez,

Quando pré-adolescente, lembro que em um momento questionei meus pais por que só gritam comigo, e me falaram do meu problema. Eles estavam sempre procurando médicos especializados. Muitos desistiam logo, outros, nos enganaram, em um certo tempo falaram para esperar eu completar 15 anos, devido os riscos, completei a idade, após cirurgia, a inflamação foi resolvida.

Por sua vez, a PS2 destacou que, “Nasci escutando, aos três anos de idade tive meningite. A minha mãe me levou a Salvador para fazer tratamento com fonoaudiólogo para eu aprender a oralizar e colocar o aparelho auditivo. Tenho surdez moderada no ouvido direito e severa no esquerdo”.

Fica evidente nos relatos de PS1 e PS2 as diferentes formas de adquirir a surdez e ambos recorreram ao uso do aparelho

auditivo já conceituado na seção anterior deste artigo. Sobre adquirir a surdez antes ou após o nascimento, como registrados pelos participantes da pesquisa, Sacks (2002) salienta que as situações da surdez são muito diversas, por exemplo, quando ao nascer o bebê perde a audição ou quando a surdez (profunda) ocorre ainda na infância, essa criança pode desenvolver a fala, porém não desenvolve uma fala compreensível, sendo assim, o autor sugere a aquisição de uma língua de sinais.

A PS3, ainda sobre o contexto histórico da surdez relatou que, *“A minha mãe não me explicou o porquê eu ter nascida surda. Não sei como fiquei surda, mas já nasci surda”*. Diferente da PS3, a PS4 narra que, *“tudo começou aos 66 anos de idade, mais ou menos, com crises constantes de labirintite, daí surgiu um chiado nos ouvidos, semelhante a uma panela de pressão. Pense na dificuldade para dar aula. Fui ao médico e ele diagnosticou perda auditiva de 50%”*.

Fica explícita no relato da PS3, de que a família não informou para ela quando e como adquiriu a surdez, a falta de informação da participante quanto a sua própria condição, não parece ser essa informação uma necessidade dele ou da família. Stelling (1996, p. 34) destaca que, “quando uma criança surda nasce, seus pais ou responsáveis sentem-se impossibilitados de agir, normalmente, com ela. Apresentam-se fragilizados nos primeiros tempos, encontram inúmeras dificuldades à sua frente [...]”.

Ao questionar sobre o uso do aparelho auditivo, PS3 narra que,

Utilizei o aparelho auditivo e conseguia perceber pouco som ao meu redor, mas não entendia e ficava irritada. Sentia muita dor de cabeça e nos ouvidos, principalmente no ônibus, escutava buzina de carro, pessoas falando ao mesmo. Depois abandonei os aparelhos.

PS1, por sua vez, relatou que, o aparelho auditivo, “*Torna a comunicação mais eficiente. Aumenta a minha confiança*”. PS4 destacou que,

Relutei para não usar o aparelho auditivo, porém com a dificuldade na comunicação e incentivo da família resolvi usar. Mas, em lugares barulhentos, exemplo de shopping com tantas pessoas conversando ao mesmo tempo, sinto confusão mental e faço ajustes no som do aparelho. Hoje, graças a Deus, uso o aparelho numa boa.

PS2 também narrou sobre a sua experiência com o uso do aparelho auditivo, argumentando que, “*O aparelho auditivo me ajuda a perceber os barulhos ao meu redor e me deixa mais seguro na minha independência, não percebo como ruim, pois não sinto incomodo ao usar*”.

Os aparelhos auditivos, de acordo com a imagem 2, amplificam os sons para as pessoas com perda auditiva. Porém, dependendo do tipo de perda auditiva que a pessoa tenha, os sons podem ficar distorcidos e muito altos, como relatou a PS3. Ainda assim, esse recurso se torna viável no processo de inclusão dos usuários por promover acessibilidade e suporte que pode ser útil em sua caminhada de vida, como narraram PS1, PS2 e PS4.

Imagem 2. Representação do Aparelho auditivo



Fonte: Ribeiro (2017, p. 63)

4.1.1 Formas de comunicação com a família

Ao questionar sobre a forma de comunicação com a família e se em algum momento de sentiu excluído, PS4 informou que,

A minha família conversa em Língua Portuguesa Oral comigo, as vezes me sinto excluída, sim, por que as pessoas falam e eu não escuto e as vezes falam: “oh, mas não está ouvido e tal?!” Mas, é complicado mesmo, eu assumo, tem hora que não escuto mesmo, tem hora que troco também, falam uma coisa e eu entendo outra e aí é complicado.

Ainda sobre a comunicação com a família e exclusão ou não no ambiente familiar, PS3 destaca que,

Somente a minha mãe e duas primas se comunicam em Libras comigo, o restante da família fala gestos e Língua Portuguesa Oral e eu tenho que ler os lábios, mas eu não sei ler lábios, pois não sou oralizada, só consigo perceber palavras bolo, bala, casa, pão, mamãe e papai. Percebo que a minha família não se interessa para aprender Libras. Fico excluída, principalmente, em aniversários e reuniões de família. Eu fico sozinha, por que não entendo o que eles falam.

Para alguns surdos sinalizantes e algumas pessoas com deficiência auditiva que se comunicam em Língua Portuguesa Oral, essa exclusão e estigmatização se iniciam na família, já que não atende a expectativa de pais, mães, filhos e parentes de que “ouça” e “fale” como eles.

A PS1 também narrou que, “A discriminação sempre vai existir, em geral, as pessoas fora do nosso círculo familiar pensam que todo surdo é um atraso ou débil mental. Me acostumei com essas analogias”.

Muito embora a família seja presente na vida das pessoas surdas, a falta de comunicação, constitui o principal empecilho no relacionamento entre os filhos surdos e seus pais ouvintes, bem como familiares de pessoas com deficiência auditiva. Essa dificuldade de comunicação resulta na falta de identificação com a língua, assim, o aprendizado da Libras pela família e/ou o treino da leitura labial para os surdos que optam pela oralização são de extrema importância para a relação se tornar mais efetiva e afetiva.

4.2 Desafios no acesso a Igreja e estratégias de comunicação

Após compreender as peculiaridades dos participantes surdos e participantes com deficiência auditiva, optou-se como relevante, questionar sobre os desafios no acesso a igreja e estratégias de comunicação, os participantes levantam questões, como:

O desafio é o mesmo: ouvir bem. Sem o aparelho, e estando em um ambiente barulhento, eu preciso que a pessoa se aproxime, assim fico sabendo quem está falando comigo e isso também ajuda na leitura labial (PS1).

Nunca senti preconceito na Igreja, mesmo as pessoas que não sabem Libras me abraçam e cumprimentam com sorriso e abraço, é legal, tem também minuto Libras nos cultos em que todos aprendem Libras e agora está melhor a comunicação (PS3).

A minha perda auditiva é de 50% nos dois ouvidos, então, o desafio é a comunicação. Entendo a comunicação quando a pessoa se posiciona de frente, tem hora em que eu fico observando bem a leitura labial para entender o que as pessoas na igreja estão falando, mas quando tem um grupo de pessoas

conversando ao mesmo tempo, é difícil eu escutar mesmo com o uso do aparelho. A minha Igreja não tem um som ensurdecedor, graças a Deus e louvo a Deus pelo Ministério com Surdos que vem cuidando e se preocupando com a gente (PS4).

Nunca percebi dificuldade no acesso a Igreja, pois eu oralizo bem e a igreja tem pessoas acolhedoras que me amam e eu ensino Libras e elas aprendem muito (PS2).

É fundamental a Igreja estar atenta às demandas e dificuldades dos membros surdos, oralizados ou não, avaliando a necessidade de solicitar dos demais membros e líderes os suportes e recursos que possam ser úteis no processo de inclusão e permanência. Atitudes comunicativas sugeridas pelas PS1 e PS4 começam com um sorriso e acolhimento. Em outras palavras, quebrar a barreira da comunicação que está impedida pela falta de audição se constitui demonstração de afeto.

Posturas como exagerar na articulação das palavras pode prejudicar a leitura labial, falar com a pessoa com deficiência auditiva quando estiver de costas também dificulta a compreensão das palavras, por isso deve-se buscar sempre uma melhor iluminação, a fim de ter o rosto, as mãos e a boca bem à vista. Pensando no culto, o lugar indicado para o surdo sinalizante e a pessoa com deficiência auditiva sentar-se o mais próximo ao altar e ao púlpito. Isto facilita a compreensão, visualização e nitidez dos sinais pelo intérprete de Libras ou na leitura labial pelo pastor.

Ante ao exposto, sintetiza-se que, os participantes da pesquisa constroem suas identidades e se apropriam das experiências culturais a partir das relações e participações nas programações dentro da Igreja que valoram os afetos e vínculos de pertencimento.

4.3 Participação das pessoas surdas nas programações da Igreja

Dentre as participações dessas pessoas na Igreja, PS1 relata que *“Atualmente, não participo de nenhuma atividade na Igreja”*. Diferente da PS2 narra *“Sou Professor de Libras e também apresento o Minuto Libras na Igreja. Às vezes me chamam para orar na frente da Igreja. Fico muito feliz”*.

Trabalhar com os surdos não é somente permitir que estes estejam junto aos ouvintes na Igreja, mas permitir que duas condições diferentes possam conviver e participar das programações de um mesmo espaço, a ponto de ambos alcançarem a satisfação na comunhão.

A PS3, por sua vez, destacou que participa das programações da Igreja. *“Sou professora da Escola Bíblica Dominical para surdos; dou aula no Minuto Libras; participo do Discipulado com surdos nos lares e também vou ao retiro dos jovens e me sinto bem. Alguns sabem Libras e conversam comigo”*. Da mesma forma PS4 relata *“Participo de vários momentos na minha Igreja, exemplo na entrega da ceia, oração, ministro estudo bíblico para as mulheres, entre outras atividades”*.

O trabalho com os surdos é uma ação diaconal. Portanto, buscar envolvimento dos ouvintes e dos surdos nas programações e atividades da Igreja é permitir que Deus mostre o seu amor através deles. Pessoas surdas atuando, ajudando, confessando a fé na Igreja, se constitui a manifestação do poder e da glória de Deus. Nisto, se cumpre a Palavra de Deus.

4.4 Dicas de convivência para a inclusão e permanência na Igreja

Silva (2015) salienta que a Igreja inclusiva deve, para além do acesso, permitir a permanência das pessoas surdas no ambiente eclesial, além de respeitar as diferenças e promover

a construção da aprendizagem através da consideração e do investimento nas potencialidades. Nessa direção, os participantes da pesquisa sugerem algumas dicas de convivência que possibilitam a permanência, a exemplos de:

Uso de imagens nas pregações e interpretação em Libras de todas as informações de programações e eventos da Igreja (PS2).

Acredito que começa na comunicação. Preciso ouvir bem, por isso ajudar na leitura labial é importante (PS1).

Não conversarem todos de uma só vez próximos a mim, pois fico confusa e não consigo entender o que estão dizendo (PS4).

Na Igreja o momento de louvor aparece letras grandes na tela e eu entendo as palavras, algumas vezes o pastor prega com os slides e imagens que me ajudam a entender bastante. Sempre que ler texto bíblico o intérprete sinaliza, mas eu também olho na tela projeção. Mas falta mais imagens nos cultos e quando divulgar programação e evento, é bom também a tradução em Libras (PS3).

Observa-se que o uso de imagem nos slides favorece a compreensão tanto pelos surdos sinalizantes quanto pela pessoa com deficiência auditiva que faz o uso da leitura labial, conforme destacaram PS2 e PS3. Acredita-se que esse tipo de estratégia, seja igualmente benéfica também para os demais membros ouvintes. Outro argumento trazido por PS3 é a importância de *“Ter curso de Libras sempre, já teve 03 turmas, precisa que todas as pessoas da Igreja participem. Quero agradecer porque a Igreja tem sinalização em Libras para surdos e braile para cegos em todos os ambientes e também Libras para crianças”*.

Ante o exposto das PS1 e PS4 com relação a importância da leitura labial e como a Igreja pode ajudar nesse processo, considera-se que, dentre as atitudes e posturas dos demais membros da Igreja, destacam-se, conforme Ribeiro (2017): 1. Posicionar-se frente a pessoa com deficiência auditiva quando se referir a ele (a), mantendo o contato visual para que este realize a leitura labial; 2. Solicitar que todos os demais membros da Igreja falem mais pausadamente para que as pessoas surdas que se comunicam em língua oral possam acompanhar as discussões, principalmente em sala de aula, na Escola Bíblica Dominical, por exemplo; 3. Evitar dar explicações e escrever no quadro ao mesmo tempo, para que a pessoas possa acompanhar a explicação dos conteúdos ministrados pelo professor; dentre outras posturas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir esta pesquisa não significa encerrar um trabalho e/ou a temática. Isto porque o trabalho objetivou levantar a discussão sobre estratégias metodológicas que favorecem a inclusão e permanência de pessoas surdas nas Igrejas, e, especificamente, questões práticas de como compartilhar o mesmo espaço de Igreja com ouvintes e surdos, a partir dos próprios relatos dos participantes surdos sinalizantes e pessoas com deficiência auditiva (DV).

Os resultados da pesquisa permitem reconhecer alguns desafios que os participantes enfrentam no contexto de Igreja, dentre os quais: a diferença linguística e as especificidades do seu processo de comunicação e aprendizagem que requer práticas metodológicas diferenciadas. Entende-se que esta é uma condição *sine qua non* para que se efetive o processo de inclusão e permanência dessas pessoas no contexto eclesial, devendo ser respeitadas as diferenças e peculiaridades de cada um (a).

Encontrou-se também indicativos positivos quanto ao uso de estratégias metodológicas para a inclusão, pois para os entrevistados a Igreja já vêm utilizando estratégias diversificadas na ministração da Palavra de Deus e nas programações. Ainda assim, os relatos mostram a necessidade de se ter mais curso de Libras e interpretação dos anúncios de eventos, considerando as necessidades e possibilidades de cada um (a).

Que este trabalho possa ser um incentivo às Igrejas para o início e fortalecimento de Ministérios com pessoas surdas e pessoas com deficiência auditiva com atividades práticas cada vez mais bem pensadas, planejadas e organizadas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2014.

BISOL, C. A; VALENTINI, C. B. **Surdez e Deficiência Auditiva**: qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de dez. de 2005.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2008.

FRANCO, K. M. O. de. **A sonoridade da surdez**. Biblioteca 24hs, São Paulo, 2014.

GALVÃO FILHO, T. A.; MIRANDA, T. G. Tecnologia Assistiva e salas de recursos: análise crítica de um modelo. *In*: GALVÃO FILHO, T. A. (Org.); MIRANDA, T. G. (Org.).

O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2012, p. 247-266.

NASCIMENTO, V. **Janelas de libras e gêneros do discurso:** apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. Campinas, n (56.2): 46-492, mai./ago. 2017.

RIBEIRO, S. S. **Estratégias pedagógicas para a permanência de estudantes surdos na Educação Superior.** Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25206/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DE%20MESTRADO%20UFBA-%20S%C3%A1tila%20Souza%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 28 de out. 2024.

RIBEIRO, S. S. **O uso de recursos tecnológicos por docentes surdos no ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Superior.** 2021. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33230/4/TESE%20S%C3%81TILA%20RIBEIRO%20UFBA-%20\(modificada\).pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33230/4/TESE%20S%C3%81TILA%20RIBEIRO%20UFBA-%20(modificada).pdf)>. Acesso em: 28 de out. 2024.

RODRIGUES, S. **Dia Nacional da Língua Brasileira de Sinais.** [S. l.], 24 abr. 2023. Disponível em: Educa + brasil. Acesso em: 24 set. 2024.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SANTOS, V. **Membro de um Clube ou de um Corpo:** O que significa ser um membro da Igreja? Disponível em: <<https://ipcampobelo.com.br/pastorais/membro-de-um-clube-ou-de-um-corpo-o-que-significa-ser-um-membro-da-igreja/#:~:>>. Acesso em: 10 de out. de 2024.

STELLING, E. O aluno surdo e sua família. In: **Repensando a educação da criança surda.** (Org.) Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Divisão de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1996.